

Carta ao governo da URSS

Letter to the USSR Government

Autoria: Raquel Siphone

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2259-7517>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4132936517788963>

DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212499

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/212499>

Recebido em: 29/05/2023. Aprovado em: 19/06/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

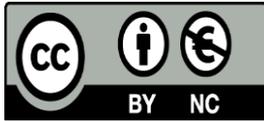
Como citar (ABNT)

SIPHONE, Raquel. Carta ao governo da URSS. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 532-538, 2023.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212499>. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/212499>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

carta ao governo da URSS

Mikhail Bulgákov¹
Tradução de Raquel Siphone²

Carta ao Governo da URSS³
De Mikhail Afanássevitch Bulgákov
(Moscou, Rua Pirogóvskaia, 35-a, apartamento 6)

Dirijo-me ao Governo da URSS com a seguinte carta:

1

Depois de todas as minhas obras serem proibidas, entre muitos dos cidadãos que conhecem o meu ofício de escritor, começaram a ressoar diversas vozes que me davam sempre o mesmo conselho:

Escrever uma “peça comunista” (coloco a citação entre aspas) e, além disso, dirigir-me ao Governo da URSS com uma carta de pedido de desculpas que incluísse a rejeição de todas as minhas opiniões dadas anteriormente, presentes em meus textos literários, assegurando que, dali em diante, trabalharia como um *companheiro de viagem*,⁴ devoto às ideias do comunismo.

¹ Escritor e dramaturgo ucraniano, Mikhail Bulgákov (1891-1940) escreveu suas obras em língua russa e passou boa parte de sua vida em Moscou, centro político da URSS. Médico de formação, praticou a profissão até 1921 e, em suas primeiras obras, a medicina surge como elemento fundamental da trama. Ao mudar-se para Moscou, também no ano de 1921, Bulgákov dá início à carreira dentro da repartição pública, movimento que o aproximou de seu trabalho literário. É a partir desse mesmo ano que terá suas primeiras obras publicadas em jornais literários da época. A mudança para a capital russa marca, portanto, uma nova etapa, em que o artista dá início ao trabalho que lhe trará reconhecimento mundial. Sua obra-prima, o romance *Mestre e Margarida*, de 1940, só será publicado na URSS muito mais tarde — mais de 30 anos depois da morte do escritor, já na década de 1970 —, e foi traduzida para diversos idiomas, inclusive o português.

² Raquel Siphone é formada em Letras com habilitação em Russo pela Universidade de São Paulo. Atualmente desenvolve uma pesquisa de mestrado na mesma instituição com apoio da CAPES. E-mail: siphoneraquel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2259-7517>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4132936517788963>.

³ A tradução se baseou na versão da carta presente na edição: BULGÁKOV, M. “*Preciso ver a luz...*” *Diários, cartas e documentos* (“*Mne núnjo videt svet...*” *Dnevnik, pisma, dokumenty*). Petersburgo: Azbuka, 2022, pp. 315-327.)

⁴ O termo “companheiro de viagem” (*poputchik*, em russo) foi popularizado por Trótski a fim de definir os artistas, cuja formação ainda remontava o período tsarista, mas que estavam engajados com a revolução do proletariado. A arte deles, que ainda apresentava características burguesas, deveria perecer para dar lugar a uma produção artística verdadeiramente proletária. Trótski defendia que os companheiros de viagem representavam uma etapa transitória para se alcançar a arte soviética.

O objetivo: escapar da perseguição, da miséria e da inevitável morte ao final.

Não dei ouvidos a esse conselho. É improvável que eu tivesse sucesso ao me apresentar diante do Governo da URSS, que fosse tomado por uma luz favorável ao escrever uma carta enganadora, o que representaria uma acrobacia política displicente e, além disso, ingênuo. Quanto à peça comunista, sequer tentei escrevê-la, pois sabia sem sombra de dúvida que não poderia produzir uma peça desse tipo.

O desejo que cresceu em mim de pôr fim aos meus tormentos de escritor levam-me a escrever uma carta autêntica ao Governo da URSS.

2

Ao analisar meus álbuns de recortes, encontrei na imprensa soviética, durante os meus dez anos de trabalho literário, 301 comentários a meu respeito.

Entre eles: 3 eram elogiosos e 298 eram desfavoráveis ou hostis. Esses 298 representavam minha vida como escritor.

O herói de minha peça *Os dias dos Turbin*, Aleksei Turbin, foi chamado, em rima, de “FILHO DA PUTA”, já o autor da peça, foi apresentado como “obcecado pela VELHICE CANINA”. Sobre mim, disseram que eu era um “FAXINEIRO literário”, que limpa a sujeira após “uma dúzia de convidados TEREM VOMITADO”.

Escreveram da seguinte maneira:

MICHKA⁵ Bulgákov, meu compadre, DESCULPEM-ME PELA EXPRESSÃO, mas TAMBÉM É UM ESCRITOR QUE TATEIA O LIXO PODRE [...]. Eu pergunto, irmãozinho, que cara FEIA é essa? [...]. Sou um homem delicado, peguem-no e DEEM COM UMA BACIA EM SUA NUCA [...]. Para o pequeno-burguês, nós, sem os Turbin, somos inúteis como um SUTIÃ para um CACHORRO [...]. Eis O FILHO DA PUTA! Eis TURBIN,⁶ PARA QUE NÃO TIVESSE NEM RECEITAS, NEM SUCESSO (*Jizn Iskússtva*, nº 44, 1927)

Escreveram “sobre Bulgákov, que continua sendo aquilo o que era, FILHO DA NOVA BURGUESIA, espalhando saliva envenenada, ainda que sem sucesso, entre a classe trabalhadora e seus ideais comunistas” (*Komsomólskaia Pravda*, 14/X, 1926).

Informaram que tenho apreço pela “ATMOSFERA DE CASAMENTO CANINO ao redor de alguma esposa ruiva de um amigo” (*Lunatchárski*, *Izvestia*, 8/X, 1926) e que de minha peça, *Os dias dos Turbin*, exala um “FEDOR” (estenograma da conferência do Departamento de Propaganda e Agitação [Agitprop] em maio de 1927) etc. etc.

Apresso-me em dizer que cito esses trechos não com o propósito de me lamentar pelas críticas ou de suscitar qualquer tipo de polêmica. O meu objetivo é muito mais sério.

Com esses documentos em mão, quero provar que toda a imprensa da URSS e, junto a ela, todas as instituições encarregadas pelo controle de obras, ao longo de

⁵ Hipocorístico de Mikhail.

⁶ No original, esta frase e a anterior rimam (“Nachiolsia, sukin syn. Nachiolsia Turbin...”) e é por isso que Bulgákov diz anteriormente que Turbin foi chamado “em versos impressos” de “filho da puta”.

todos os anos de meu trabalho literário, demonstraram unanimemente e COM FÚRIA EXTRAORDINÁRIA que a obra de Mikhail Bulgákov não pode existir na URSS.

Mas afirmo que a imprensa soviética ESTÁ ABSOLUTAMENTE CERTA.

3

Para mim, o ponto de partida desta carta será meu panfleto *A ilha escarlate*.

Toda a crítica da URSS, sem exceção, recebeu essa peça com a afirmação de que se trata de algo “sem talento, insípido e miserável” que representa uma “sátira da revolução”.

A unanimidade foi completa, mas, então, ela foi quebrada inesperada e surpreendentemente.

No volume 12 do *Boletim do repertório* (1928), surgiu uma resenha de Pavel Novítski em que foi apontado que “*A ilha escarlate* é uma paródia interessante e perspicaz”, na qual “aparece a sinistra sombra de um Grande Inquisidor que reprime a criação artística, que encoraja um ESTEREÓTIPO DRAMÁTICO SERVIL E ADULATÓRIO, apagando a individualidade do ator e do dramaturgo” e que *A ilha escarlate* trata de “uma força sombria e sinistra que instrui os HILOTAS, ADULADORES E PANEGIRISTA”. É dito também que “se essa força sombria de fato existe, ENTÃO A PERSPICÁCIA MALICIOSA E INDIGNAÇÃO DO ILUSTRE DRAMATURGO SE JUSTIFICAM”.

É lícito perguntar: onde está a verdade?

O que, afinal, é *A ilha escarlate*: “uma peça miserável e sem talento” ou “um panfleto perspicaz”?

A verdade está na resenha de Novítski. Não pretendo avaliar o quão perspicaz é a minha peça, mas confesso que realmente há nela uma sombra sinistra e essa sombra é a do Comitê Principal de Repertório. Ele, sim, é o responsável por criar hilotas, panegiristas e “aduladores” assustadiços. Ele, sim, é o responsável por matar o pensamento criativo. Ele está destruindo a dramaturgia soviética e a arruinará por completo.

Eu não expressei essas ideias a meia voz. Eu as reuni no panfleto teatral e o coloquei de pé no palco. A imprensa soviética, em conformidade com o Glavrepertkom,⁷ alegou que *A ilha escarlate* é uma sátira à Revolução. Isso é um palavrório sem cabimento. São diversos os motivos pelos quais não há, na peça, sátira à Revolução; por falta de espaço, destaco apenas um: NÃO É POSSÍVEL escrever uma sátira à Revolução dado a sua extraordinária grandiosidade. No panfleto não há sátira e na Glavrepertkom não há revolução.

Mas quando a imprensa alemã diz que *A ilha escarlate* é “o primeiro apelo à liberdade de imprensa na URSS” (*Molodáia gvárdia*, n. 1, 1929) ela está correta. Eu admito. A luta contra a censura, seja ela qual for e sob qualquer autoridade, é meu dever de escritor, assim como o apelo à liberdade de imprensa. Sou um admirador fervoroso dessa liberdade e acredito que se algum escritor pensasse em provar que ela não é necessária, seria como um peixe afirmar publicamente que não precisa de água.

⁷ Sigla para Comitê Principal de Repertório.

4

Eis um dos traços de meu trabalho literário, e ele, por si só, é suficiente para que minhas obras não existam na URSS. Mas junto ao primeiro traço, estão todos os demais que se apresentam em minhas narrativas satíricas: as tonalidades escuras e místicas (eu **SOU UM ESCRITOR MÍSTICO**), com as quais são retratadas as inúmeras monstruosidades de nosso cotidiano; o veneno do qual a minha linguagem está impregnada; o profundo ceticismo em relação ao processo revolucionário que ocorre nesse meu país retrógrado, em contraste com a adorada Grande Evolução; e, o mais importante, a representação das características terríveis de meu povo, aquelas mesmas características que muito antes da Revolução foram responsáveis pelo profundo sofrimento de meu mestre M. E. Saltykov-Schedrin.

É desnecessário dizer que a imprensa soviética sequer pensou em mencionar tudo isso, ocupada com os relatos pouco convincentes de que nas sátiras de M. Bulgákov havia “**CALÚNIAS**”.

Uma única vez, ainda no início de minha fama, notou-se, com um toque, digamos assim, de surpresa arrogante:

“M. Bulgákov **DESEJA** tornar-se o satírico de nossa época” (*Knigocha*, n.6, 1925).

Lamentavelmente, o verbo “desejar” é empregado em vão no presente. A frase não precisaria da locução verbal, apenas do pretérito perfeito: M. Bulgákov **TORNOU-SE UM SATÍRICO** precisamente em uma época em que uma sátira real (que penetrasse em uma zona proibida) era absolutamente impensável na URSS.

Não tive a honra de expressar esse pensamento criminoso na imprensa. Mas ele aparece com perfeita clareza no artigo de V. Blium (*Literatúrnaia gazeta*, n° 6) e o significado desse artigo é expresso de maneira brilhante e precisa em uma única fórmula:

TODO SATÍRICO NA URSS INFRINGE O SISTEMA SOVIÉTICO.

Eu sou imaginável na URSS?

5

Por fim, meus últimos traços nas peças arruinadas, *Os dias dos Turbin* e *A corrida*, e no romance *A Guarda Branca*: o obstinado retrato da intelligentsia russa como a melhor camada de nosso país. Em particular, o retrato de uma família nobre pertencente à intelligentsia, que por vontade de um destino imutável é lançada, durante os anos da Guerra Civil, para o lado da Guarda Branca, às mesmas tradições de um *Guerra e paz*. Trata-se de um retrato bastante natural para um escritor ligado visceralmente à intelligentsia.

Mas tal modo de representação levou o autor dessas obras – apesar de seus grandes esforços para **PERMANECER ISENTO EM RELAÇÃO TANTO AOS VERMELHOS, QUANTO AOS BRANCOS** –, bem como os heróis de sua narrativa, a receber o estigma de inimigo e pró-Brancos; e, ao recebê-lo, como é de conhecimento geral, pode-se considerar uma pessoa arruinada na URSS.

6

Meu retrato literário está completo e ele é também um retrato político. Não posso dizer quão profundo é o crime que se pode achar nele, mas peço uma coisa: não procure nada para além dele. Ele foi feito de maneira completamente honesta.

7

Agora estou arruinado.

E esta ruína foi saudada com plena felicidade pelo povo soviético e chamada de “CONQUISTA”.

R. Pikel, ao comentar a minha ruína (*Izvestia*, 15/IX, 1929) expressou o seguinte pensamento liberal:

“Não queremos dizer, com isto, que o nome de Bulgákov foi riscado da lista de dramaturgos soviéticos.”

E encorajou este escritor degolado, ao dizer: “nos referimos às suas obras dramáticas anteriores”.

Contudo, a vida, à face do Glavrepertkom, provou que o liberalismo de Pikel não tinha fundamentos.

Em 18 de março de 1930, recebi um lacônico memorando do Glavrepertkom informando-me que não minha peça passada, mas a nova, *A cabala dos hipócritas* (ou *Molière*), NÃO ESTAVA AUTORIZADA PARA APRESENTAÇÃO.

Em resumo, sob duas linhas de papel timbrado foram sepultados: o trabalho no acervo de livros, minha fantasia e uma peça que recebeu inúmeras críticas de especialistas teatrais qualificados, ou seja, uma peça brilhante.

R. Pikel se enganou. Não apenas as minhas obras do passado pereceram, mas também as do presente e todas as do futuro. Eu mesmo, com minhas próprias mãos, lancei ao fogo o rascunho de um romance sobre o diabo, o rascunho de uma comédia e o começo do segundo romance “Teatro”.

Todas as minhas coisas estão fadadas ao fracasso.

8

Peço ao Governo Soviético que observe que eu não sou uma figura política, mas sim um homem das letras, e que concedi toda a minha produção aos palcos soviéticos.

Peço que prestem atenção às seguintes críticas dirigidas a mim pela imprensa soviética.

As duas são de inimigos irreconciliáveis de minha obra e, por isso, têm um grande valor. Em 1925 foi escrito:

“Surgiu um escritor que SEQUER SE DISFARÇA COM AS CORES DOS COMPANHEIROS DE VIAGEM” (L. Averbakh, *Izvestia*, 20/IX, 1925)

Já em 1929:

“Seu talento é tão evidente quanto é reacionária sua obra” (R. Pikel, *Izvestia*, 15/IX, 1929).

Peço atenção para o fato de que a impossibilidade de escrever, para mim, equivale a ser enterrado vivo.

9

PEÇO AO GOVERNO DA URSS QUE ME AUTORIZE, O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL, A DEIXAR O TERRITÓRIO DA URSS EM COMPANHIA DE MINHA ESPOSA, LIUBÓV EVGUÊNEVNA BULGÁKOVA.

10

Apelo para a humanidade do poder soviético e peço que sejam generosos comigo, um escritor que não pode ser útil na própria casa, em sua pátria, e me libertem.

11

Se aquilo que escrevo ainda não for o suficiente e for condenado a uma vida de silêncio na URSS, peço ao Governo Soviético que me conceda um trabalho em minha área e me envie ao teatro para a função de diretor titular.

Peço enfática e urgentemente a emissão de UMA ORDEM PARA OCUPAÇÃO IMEDIATA EM ALGUM ÓRGÃO, já que todas as minhas tentativas de encontrar trabalho no único campo de atuação em que poderia ser útil à URSS como um especialista altamente qualificado, foram um total fiasco. Meu nome tornou-se tão odioso que o oferecimento de meus serviços foi recebido apenas pelo MEDO, e isso apesar de o grande número de atores e diretores, bem como administradores de teatros em Moscou terem plena ciência de meu virtuoso conhecimento dos palcos.

Ofereço à URSS um diretor e autor especialista, absolutamente honesto, sem qualquer sombra de arдил, que se compromete, de boa-fé, a montar qualquer peça, desde Shakespeare aos dias atuais.

Peço a minha nomeação para o cargo de diretor permanente no 1º Teatro de Arte — a melhor escola, dirigida pelos mestres K. S. Stanislávski e V. I. Nemiróvitch-Dântchenko.

Caso não seja nomeado para o cargo de diretor, peço um cargo efetivo como figurante. Se figurante não for possível, peço o cargo de ajudante de palco.

Se isso também não for possível, peço ao Governo Soviético que cuide de mim como achar necessário, mas que algo seja feito, porque eu, um dramaturgo que escreveu 5 peças, conhecido na URSS e no estrangeiro, encontro-me, NESSE EXATO MOMENTO, na miséria, na rua e à beira da morte.

Moscou

28 de março de 1930